

Edifício transparente

Raquel Silva

Aluna da licenciatura em Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia,
Universidade Fernando Pessoa

raquelmsilva@portugalmail.com

RESUMO

Na sequência das intervenções do Programa Polis do Porto para a marginal da cidade, nasceu o Edifício Transparente, num controverso, lento e polémico cenário. A obra inacabada do arquitecto catalão Manuel de Solà-Morales, iniciada em 2000 encontra-se em fase de "reconversão" sob a orientação do arquitecto português Carlos Prata.

Uma análise pessoal, fruto da assimilação de todos os dados recolhidos, é aquilo que será possível encontrar ao longo das próximas páginas, numa tentativa de apresentar este projecto como uma obra de arquitectura a conhecer.

PALAVRAS-CHAVE

transparência conceptual, forma, espaço público, espaço privado, megaforma, transformação, continuidade.

ABSTRACT

In the sequence of the interventions prepared by Porto's Polis Programme to the sea side of the city, Edifício Transparente (Transparent Building) was born in a controversial, slow and polemic scenario. The unfinished work of Catalan architect Manuel de Solà-Morales, initiated in 2000, is nowadays passing through a "reconversion" process, under the orientation of the Portuguese architect Carlos Prata.

A personal analysis, fruit of the assimilation of all the collected data, is what it will be possible to find through the next pages, in an attempt to present this project as an architectural work to know.

KEY-WORDS

conceptual transparency, form, public space, private space, mega form, transformation, continuity.

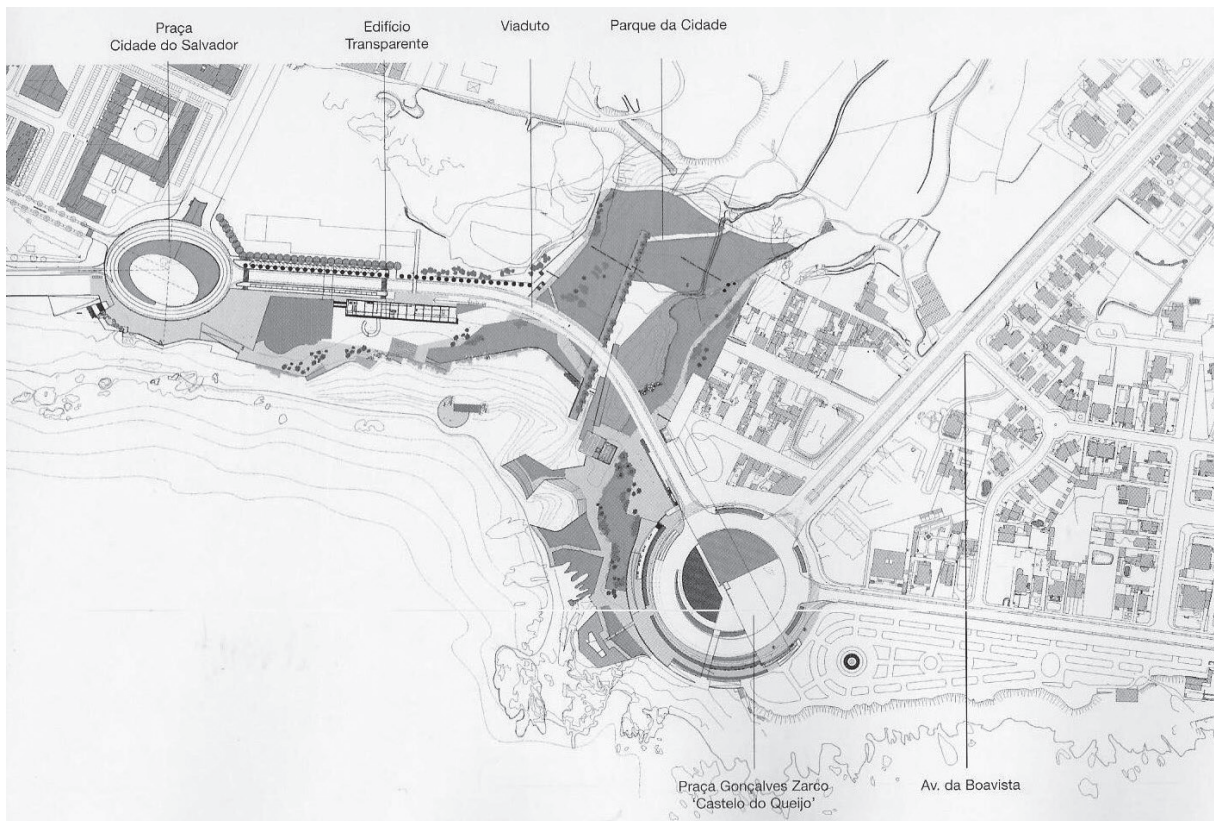


IMAGEM 1 Enquadramento urbano do Edifício Transparente. [Passeio Atlântico, Programa Polis. Lisboa, 2002]

MAIS DO QUE UM EDIFÍCIO, UMA CIRURGIA URBANA

É na marginal da cidade do Porto, numa zona intensamente marcada pela horizontalidade verde do parque da cidade e o azul do mar, que se ergue um dos mais emblemáticos edifícios contemporâneos da cidade do Porto: o Edifício Transparente.

A proposta realizada pelo arquitecto Manuel de Solà-Morales, experiente neste tipo de intervenções urbanas, surge ao abrigo do programa Polis do Porto que, a par com o mesmo programa de Matosinhos, pretendia requalificar toda a marginal da cidade. Por este motivo, é facilmente perceptível a íntima relação entre este objecto arquitectónico, o viaduto, o parque de estacionamento e restante marginal da Foz, através dos percursos que os relacionam e os jogos de encaixe verificados. [imagem 1]

Aquilo que aparentemente possa parecer uma pequena modificação de tecido urbano traduz-se, na prática, numa intensa alteração de relações entre os diversos elementos que compõem esta área [parque da cidade, frente marítima, edifício transparente] através do viaduto. Esta alteração de traçado viário resultou na introdução de novas relações entre os referidos elementos, criando assim um novo tecido urbano com novas vivências e novas relações visuais. [imagem 2]

Numa fase anterior às intervenções do Polis, o traçado viário que unia Gonçalves Zarco à Circunvalação encontrava-se muito mais próximo da frente marítima do que aquilo que hoje se verifica. O parque da cidade expande-se durante este período para os limites que hoje lhe conhecemos. O viaduto introduzido tenciona facilitar esta relação de proximidade entre o parque e o mar, afastando o traçado viário da frente marítima de modo a que se crie uma

vasta área de passeio e lazer, a mesma área que hoje serve de praça ao Edifício Transparente.

A Foz dos passeios pela Praia dos Ingleses e do Molhe prolonga-se agora por Matosinhos numa relação mais intensa e rica em pormenores que pontuam a marginal.

A "MEGA FORMA"

O peso da envolvente provocou a intenção de criar um edifício que relacionasse os diferentes cenários do parque e da frente marítima. Um volume envidraçado, permitiria manter a linha de horizonte a partir do parque, e a sua verticalidade protegeria parcialmente esta zona verde do intenso vento que frequentemente se verifica no local. Um elemento arquitectónico com a função de "rótula"¹ na articulação entre os espaços, como o define o arquitecto Carlos Prata, numa atitude de cedência de protagonismo à envolvente na intenção de Solà-Morales.

O viaduto e a gradual diferença de cotas verificadas desde o arranque do edifício no solo e o parque da cidade, anulam alguma da imponência do volume construído. Contudo, a sua visualização é possível a partir de diversos pontos distintos, o que pode remeter para o despertar da curiosidade do frequentador do parque da cidade ou da marginal para uma aproximação e observação mais pormenorizada no local.²

No entanto, é no interior deste camarote de contemplação de paisagens e nas relações por este estabelecidas, que a transparência se verifica no seu princípio de contentor. Esta intenção é assim descrita pelo arquitecto catalão: La apuesta por la abstracción supone en este caso proyectar un edificio "contenedor" – Kenneth Frampton le llamará "megaforma" –, es decidir, una construcción cuya arquitectura no está dictada por un determinado uso, monográficamente, como en el funcionalismo ingenuo, sino por su significación urbana. La opción de forma nasce aqui de una responsabilidad frente al lugar, más como oferta que como obligación; como generadora más que como producto. Deste modo, o arquitecto tenciona introduzir um novo ideal de ocupação do objecto arquitectónico que se distancia dos modelos de ocupação a que estamos habituados.



IMAGEM 2 Alteração do traçado viário durante e cirurgia urbana]

Através do conceito "open space", lembrado a cada subida e descida das extensas rampas de acesso, o arquitecto Solà-Morales transporta-nos para espaços interminavelmente amplos onde novos hábitos de ocupação são introduzidos. Apesar dessa transparência nos remeter para uma certa previsibilidade, há ainda tempo, ao longo deste percurso, para que surjam momentos de surpresa e contemplação como o que acontece quando as escadas de acesso ao quarto piso terminam e se atinge a extensa varanda sobre o mar.

A divisão dos espaços através de estruturas fixas e não translúcidas não foi, definitivamente, opção do arquitecto catalão sendo que a permanente busca pela transparência inegável do interior do edifício esteve associada a uma ausência de programa de ocupação.

A complexidade que verificamos neste enorme contentor durante a sua observação exterior pode ser decomposta em alguns módulos que simplificam a sua leitura. Aliás, a própria assimetria do edifício, remete-nos para essa compreensão parcelar do mesmo, através da qual é possível visualizar níveis de intimidade diferentes. A utilização de materiais distintos em dois panos (um simétrico e outro assimétrico) contribui para essa interpretação na análise dos dois (a) ritmos dominantes.

A planta rectangular com 105 metros de comprimento, 15 largura e 15 de altura orientada a Norte num dos topos e a Sul noutra, possui duas rampas e duas escadas que lhe

permitem estabelecer relação com o exterior além das aberturas à cota dos dois níveis de solo onde se encaixa.

Assim temos um acesso do "piso rua" com a "praça temática" através de uma rampa que rodopia como o mar.

No topo lateral Norte, observa-se uma escada de acesso exterior do "piso rua" ao "piso 1" sendo que o mesmo acontece com a escada existente na frente orientada para o parque da cidade.

A ligar o edifício com o parque da cidade existe uma rampa linear que arranca desde o piso dois passando sobre o viaduto.

À primeira vista, sobressai o ritmo produzido pela sucessão de quadrados envidraçados encaixados em peças pré-fabricadas de betão. Mas, à medida que nos aproximamos do Edifício Transparente, somos despertados pela existência de diversas variações desse mesmo ritmo.

O alçado poente, possui um recorte no "piso 2" (quarto andar), que corresponde ao rasgo da já mencionada varanda. Este rasgo, que ocupa pouco mais de metade do alçado, prolonga-se também para o alçado orientado a Sul, numa proporção mais reduzida. A continuidade do ritmo envidraçado, continua após esta quebra, atribuindo um maior nível de privacidade à zona que envolve.

Além do prolongamento do rasgo da varanda à largura do corredor que o acompanha, o alçado lateral orientado a Sul mantém um diálogo de simetria com o alçado oposto.

Contudo, a inexistência de rasgo, a adição de escadas e o parcial revestimento a azulejo do alçado Norte, quebra esta noção de simetria a que somos induzidos.

De volta ao alçado poente, podemos ainda verificar que os dois primeiros pisos a contar do solo, são revestidos a azulejo azul até ao local onde arranca a rampa de acesso à "praça temática". Além do material e cor produzirem uma natural diferenciação deste elemento do restante edifício, essa diferenciação ocorre também a nível dos vãos assimétricos que se rasgam. Numa intensa e proporcionada relação geométrica, as aberturas dispersam-se pela extensa mancha azul, fazendo adivinhar uma das zonas

com maior nível de privacidade de todo o edifício. A ligar o ritmo azul com o restante edifício, surge a rampa em espiral que quebra, de forma harmoniosa, qualquer conflito no alçado que pudesse eventualmente existir.

O alçado nascente é, possivelmente, o mais homogéneo. O ritmo envidraçado, é quebrado no topo por um rasgo longitudinal paralelo ao rasgo verificado no extremo oposto. No canto inferior esquerdo surge uma escada de acesso ao "piso 1", quebrada em dois patamares. No piso térreo há ainda uma relação com as aberturas de maior dimensão que permitem o acesso ao interior.

O facto de a sua construção estar associada a um projecto de intervenção urbana, levou a que próprio edifício possua alguns elementos que nos permitem fazer essa leitura de conjunto (se ignorarmos, claro está, a forma como este se encaixa no tecido urbano). Uma observação distanciada do local, permite-nos observar que desde o Edifício Transparente, passando pelo muro da rampa de acesso à Praça Gonçalves Zarco, e pelo percursos marítimos junto à Av. Montevideu, são pontualmente utilizados azulejos cuja cor facilmente associamos aos azuis depósitos cilíndricos que encontramos no outro extremo da praia de Matosinhos. Assim, de forma subtil, os diversos elementos são cosidos ao longo de todo o percurso, como que se tratassem de pequenas pistas deixadas para prosseguir. (imagem 3 – Os azulejos azuis)

A (RE) FORMA

As novas alterações introduzidas resultam da necessidade de adaptação do edifício às condições climáticas e a um programa de ocupação até então inexistente. Uma análise atenta permite-nos observar o parcelamento do espaço e um maior preenchimento dos vazios, no projecto com a assinatura do arquitecto Carlos Prata. (imagens das plantas cortes e alçados assinalados na pasta das imagens) que em comum com a proposta inicial do arquitecto Solà-Morales, mantém a intenção de que este seja um misto de espaço cultural e de lazer.

Uma "intervenção no património construído" é a forma como o arquitecto Carlos Prata encara este projecto de reconver-

são e o resultado é um edifício cujo passar do tempo é evidenciado na possível leitura de duas intervenções distintas.

A criação de "boxes" sucessivas quebrando alguma da continuidade dos espaços, emerge da necessidade de atribuição das parcelas aos diversos investidores. Contudo, mantém-se a intenção de leitura global dos espaços, possível através da frequente utilização do vidro nesse processo de parcelamento.

O nome "transparente" induz-nos a uma assimilação do edifício como um objecto translúcido que Solà-Morales descreve como um espaço "vazio no seu interior". Contudo, não tem de o ser na totalidade e, de facto, é isso que acontece com este objecto arquitectónico.

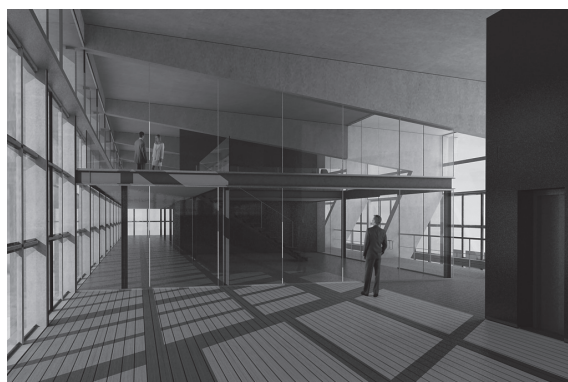
A relação exterior interior poderá dar jus ao nome sobretudo durante a noite, com a existência de iluminação ou durante o dia numa observação de maior proximidade. No entanto, é possível que algumas das alterações introduzidas pelo projecto de reconversão quebrem parcialmente essa leitura "transparente", sobretudo no que diz respeito ao alçado orientado para a frente marítima. Contudo, os elementos de ritmo dominantes não serão alterados nesse gesto de cuidadosa articulação com o pré-existente do arquitecto Carlos Prata

O rasgo da varanda, que permitia acentuar a leitura da peça estrutural de betão armado em forma de "boomerang", poderá ver esta interpretação atenuada alguma, mas não de forma muito significativa.

A principal questão que surge deste cruzamento de ideias é: uma vez que existe uma "transparência conceptual" no interior do edifício, será que faz sentido manter-lhe o nome após a reconversão que contempla o seu parcelamento?

ANÁLISE CRÍTICA

A intenção do arquitecto Solà-Morales quando projectou este edifício foi a introdução de um objecto arquitectónico num tecido urbano que ele próprio moldou com o intuito de intensificar a vivência nesta zona da cidade. A apresen-



tação deste como um objecto dinâmico, capaz de acolher diversos tipos de actividades no seu interior, variáveis ao longo do tempo, marcou determinadamente a sua proposta. Contudo, a dificuldade de impor este cariz mutável numa infra-estrutura que, ao abrigo do projecto "Porto 2001", pretendia ser portadora de uma mensagem de "avanço tecnológico", de "nobreza", de "excelência",

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Passeio Atlântico 2002, Programa Polis. Lisboa, 2002

Intervenção do Programa Polis em Matosinhos, Polismatosinhos, SA. Matosinhos, 2004

Lameira, G. (2006). (Re)habilitar a arquitectura in: *Arquitectura e Vida*, 76/Novembro, 44,45,46,47,48,49,50,51,52,53.

NOTAS DE RODAPÉ

1 Dados recolhidos pela autora no decorrer de uma entrevista realizada ao arquitecto Carlos Prata a 8 de Novembro de 2006]

2 imagens da pasta plantas, cortes e alçados – gentilmente cedidas pelo Arq.to Carlos Prata

